

DOMINGO VII DO TEMPO COMUM

CIC 210-211: Deus de misericórdia

- 210** Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro¹, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor². A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (*Ex* 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 5-6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão³.
- 211** O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (*Ex* 34, 7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (*Ef* 2, 4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (*Jo* 8, 28).

CIC 1825, 1935, 1968, 2303, 2647, 2842-2845: o perdão dos inimigos

- 1825** Cristo morreu por amor de nós, sendo nós ainda «inimigos» (*Rm* 5, 10). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos *inimigos*⁴, que nos façamos o próximo do mais afastado⁵, que amemos as crianças⁶ e os pobres como a Ele próprio⁷.

O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita; não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (*1 Cor* 13, 4-7).

- 1935** A igualdade entre os homens assenta essencialmente na sua dignidade pessoal e nos direitos que dela dimanam:

¹ Cf. *Ex* 32.

² Cf. *Ex* 33, 12-17.

³ Cf. *Ex* 34, 9.

⁴ Cf. *Mt* 5, 44.

⁵ Cf. *Lc* 10, 27-37.

⁶ Cf. *Mc* 9, 37.

⁷ Cf. *Mt* 25, 40.45.

«Toda a espécie de discriminação relativamente aos direitos fundamentais da pessoa, quer por razão do sexo, quer da raça, cor, condição social, língua ou religião, deve ser ultrapassada e eliminada como contrária ao desígnio de Deus»⁸.

- 1968** A Lei evangélica *dá cumprimento aos mandamentos* da Lei. O sermão do Senhor, longe de abolir ou desvalorizar as prescrições morais da Lei antiga, tira deles virtualidades ocultas, fazendo surgir novas exigências: revela toda a verdade divina e humana que elas contêm. Não acrescenta preceitos externos novos; mas chega a reformar a raiz dos actos, o coração, onde o homem escolhe entre o puro e o impuro⁹, onde se formam a fé, a esperança e a caridade e, com elas, as outras virtudes. Assim, o Evangelho leva a Lei à sua plenitude, pela imitação da perfeição do Pai celeste¹⁰, pelo perdão dos inimigos e pela oração pelos perseguidores, à maneira da generosidade divina¹¹.
- 2303** O *ódio* voluntário é contra a caridade. Odiar o próximo, querendo-lhe mal deliberadamente, é pecado. É pecado grave, quando deliberadamente se lhe deseja um mal grave. «Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para serdes filhos do vosso Pai que está nos céus...» (Mt 5, 44-45).
- 2647** *A oração de intercessão consiste numa petição em favor de outrem. Não conhece fronteiras e estende-se até aos inimigos.*
- 2842** Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (Jo 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível, quando se trata de imitar, do exterior, o modelo divino. Trata-se duma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (Gl 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus¹². Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos mutuamente *como* Deus nos perdoou em Cristo» (Ef 4, 32).
- 2843** Assim ganham vida as palavras do Senhor sobre o perdão, sobre este amor que ama até ao extremo do amor¹³. A parábola do servo desapiadado, que conclui o ensinamento do Senhor sobre a comunhão eclesial¹⁴, termina com estas palavras: «Assim procederá convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração». É aí, de facto, «no fundo do *coração*», que tudo se ata e desata. Não está no nosso poder deixar de sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo muda a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 29: AAS 58 (1966) 1048-1049.

⁹ Cf. Mt 15, 18-19.

¹⁰ Cf. Mt 5, 48.

¹¹ Cf. Mt 5, 44.

¹² Cf. Fl 2, 1.5.

¹³ Cf. Jo 13, 1.

¹⁴ Cf. Mt 18, 23-35.

2844 A oração cristã vai até ao *perdão dos inimigos*¹⁵. Transfigura o discípulo, configurando-o com o seu Mestre. O perdão é o cume da oração cristã; o dom da oração só pode ser recebido num coração em sintonia com a compaixão divina. O perdão testemunha também que, no nosso mundo, o amor é mais forte que o pecado. Os mártires de ontem e de hoje dão este testemunho de Jesus. O perdão é a condição fundamental da reconciliação¹⁶ dos filhos de Deus com o seu Pai e dos homens entre si¹⁷.

2845 Não há limite nem medida para este perdão essencialmente divino¹⁸. Quando se trata de ofensas (de «pecados», segundo *Lc* 11, 4, ou de «dívidas» segundo *Mt* 6, 12), de facto nós somos sempre devedores: «Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros» (*Rm* 13, 8)). A comunhão da Santíssima Trindade é a fonte e o critério da verdade de toda a relação¹⁹. E é vivida na oração, sobretudo na Eucaristia²⁰:

«Deus não aceita o sacrifício do dissidente e manda-o retirar-se do altar e reconciliar-se primeiro com o irmão: só com orações pacíficas se podem fazer as pazes com Deus. O maior sacrifício para Deus é a nossa paz, a concórdia fraterna e um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»²¹.

CIC 359, 504: Cristo, o novo Adão

359 «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado é que verdadeiramente se esclarece o mistério do homem»²²:

«São Paulo ensina-nos que dois homens estão na origem do género humano: Adão e Cristo... O primeiro Adão, diz ele, foi criado como um ser humano que recebeu a vida; o segundo é um ser espiritual que dá a vida. O primeiro foi criado pelo segundo, de Quem recebeu a alma que o faz viver... O segundo Adão gravou a sua imagem no primeiro, quando o modelou. Por isso, veio a assumir a sua função e o seu nome, para que não se perdesse aquele que fizera à sua imagem. Primeiro e último Adão: o primeiro teve princípio; o último não terá fim. Por isso é que o último é verdadeiramente o primeiro, como Ele mesmo diz: “Eu sou o Primeiro e o Último”»²³.

504 Jesus é concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, porque Ele é o *Novo Adão*²⁴, que inaugura a criação nova: «O primeiro homem veio da terra e do pó; o segundo homem veio do céu» (*1 Cor* 15, 47). A humanidade de Cristo é, desde a sua conceição, cheia do Espírito Santo, porque Deus «não dá o Espírito por medida» (*Jo* 3, 34). É da «sua plenitude», que Lhe é própria enquanto cabeça da humanidade resgatada²⁵, que «nós recebemos graça sobre graça» (*Jo* 1, 16).

¹⁵ Cf. *Mt* 5, 43-44.

¹⁶ Cf. *2 Cor* 5, 18-21.

¹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Dives in misericordia*, 14: AAS 72 (1980) 1221-1228.

¹⁸ Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 3-4.

¹⁹ Cf. *1 Jo* 3, 19-24.

²⁰ Cf. *Mt* 5, 23-24.

²¹ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 23: CCL 3A, 105 (PL 4, 535-536).

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

²³ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermones* 117, 1-2: CCL 24A, 709 (PL 52, 520) [2ª leit. do Ofício de Leituras de Sábado da XXIX Semana do Tempo Comum: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 4, p. 440].

²⁴ Cf. *1 Cor* 15, 45.

²⁵ Cf. *Ci* 1, 18.